



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA**

João Bosco Spener Neto

Loucura e perversão materna: uma revisão de escopo

MANAUS-AM
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA**

João Bosco Spener Neto

Loucura materna e a perversão materna: revisão de escopo

Trabalho apresentado ao Curso de Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como requisito para formação acadêmica na disciplina de OTF 2, sob a orientação do Prof. Dr. Enio de Souza Tavares.

MANAUS-AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S747l Spener Neto, João Bosco
Loucura e perversão materna: uma revisão de escopo / João
Bosco Spener Neto . 2023
25 f.: 31 cm.

Orientador: Enio de Souza Tavares
TCC de Graduação (Psicologia - CH Formação do Psicólogo) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Perversão materna. 2. Maternidade. 3. Mães. 4. Revisão. I.
Tavares, Enio de Souza. II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional que prestaram em toda a minha jornada acadêmica, em especial agradeço à minha mãe e ao meu irmão, que dispuseram em nossa relação amor e carinho.

Agradeço às minhas amigas pelo apoio que, durante a ausência da minha família em momentos difíceis e duros da vida, estiveram e estão ainda hoje em minha vida e em meu coração. Aos colegas de classe, agradeço os trechos que compartilhamos em nossas trajetórias acadêmicas. Agradeço em especial às amizades que fiz na universidade, que foram muitas, e tornaram a jornada e a conclusão do curso leve e possível.

Agradeço ao meu orientador e, junto a ele, agradeço todo o corpo docente que tive a honra e o prazer de ter como professores nesta academia, contribuindo para um conhecimento imensurável que perpassa os muros da instituição. Agradeço também ao meu supervisor de estágio, que esteve presente na construção do conhecimento ético e profissional da psicologia.

Resumo

O papel materno foi construído em nossa sociedade de forma sacral, idealizado e realizador para o exercício completo de uma mulher social, cultural e historicamente criada através de atos performativos. A figura da mãe santificada, boa e instintiva, logo é vendida e distribuída em nossa sociedade como única forma de ser experienciada a maternidade. É essencial ressaltar que a idealização excessiva da mãe muitas vezes impede o diálogo sobre a vivência de emoções negativas e conflitos inerentes à maternidade. Sendo posta tal cortina de fumaça em relação a essa maternidade “negativa”, mulheres que fogem dessa figura ideal são tidas como “loucas” e seu cuidado é deslegitimado. Torna-se árdua a exploração de uma compreensão e a problematização do fato de mães possuírem comportamentos tidos como perversos. Este estudo buscou investigar através da literatura atos nomeados como perversos de mães diante a filhos. Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo, nas bases de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da CAPES e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) selecionando-se 05 artigos ao final. Diante dos resultados, mães que possuem supostamente comportamentos perversos tem uma relação ambígua com seus filhos. A natureza da díade é caracterizada por uma ambivalência muito grande dos afetos, sendo por carinho demasiado ou violência demasiada ou uma ausência dessa mãe. Para além disso, essas mães que possuem atos considerados perversos diante os filhos, são mensageiras de traumas geracionais que se incorporam na relação com seu bebê.

PALAVRAS-CHAVES: Perversão materna; maternidade; mães; revisão.

Abstract

Maternal role has been constructed in our society as something sacred, idealized, and fulfilling for women who have been socially, culturally, and historically shaped through performative acts. The image of the sanctified, good, and instinctive mother is quickly sold and distributed in our society as the sole way to experience motherhood. It is essential to emphasize that the excessive idealization of motherhood often hinders the dialogue about experiencing negative emotions and inherent conflicts in motherhood. This excessive idealization creates a smokescreen around "negative" motherhood, leading women who do not fit this idealized mold to be labeled as "crazy," with their caregiving being delegitimized. Exploring an understanding of mothers who exhibit perverse behaviors becomes challenging, as they are either stigmatized as "crazy" or diagnosed with psychological disorders. This study aimed to investigate perverse acts of mothers towards their children through a literature review. To do so, a scoping review was conducted using the databases of the Scientific Electronic Library Online (SciELO), the CAPES Periodicals Portal, and Electronic Journals in Psychology (Pepsic), resulting in the selection of 5 articles. The findings suggest that mothers displaying supposedly perverse behaviors have an ambiguous relationship with their children. The nature of the dyad is characterized by significant ambivalence of emotions, ranging from excessive affection to excessive violence or even maternal absence. Moreover, these mothers with perverse actions towards their children convey generational traumas that become integrated into their relationship with their babies.

KEYWORDS: Maternal perversion, motherhood, moms, review.

Sumário

Introdução.....	5
Da sacralização a perversão.....	5
A mãe suficientemente boa.....	10
Perversão feminina e materna	11
Método	14
Resultados e Discussão	18
Considerações Finais	23

Introdução

Da sacralização a perversão

Desde os primórdios da psicologia, teorias e abordagens têm destacado a importância fundamental do papel materno no desenvolvimento das crianças. Esse papel materno abrange a capacidade da mãe de atender às necessidades emocionais, físicas e cognitivas de seu bebê, estabelecendo uma base sólida para o crescimento saudável. A relação mãe-bebê é reconhecida como um dos fatores determinantes para o desenvolvimento infantil, sendo um alicerce sobre o qual se constroem habilidades sociais, emocionais e cognitivas.

A qualidade do vínculo entre a mãe e a criança desempenha um papel crucial, uma vez que influencia diretamente a autoestima, a capacidade de formar relacionamentos saudáveis e até mesmo a resiliência emocional da criança. Quando a função materna é vivenciada de forma positiva, promove um ambiente seguro e nutritivo, que facilita a exploração do mundo e o desenvolvimento de habilidades essenciais. Por outro lado, dificuldades na relação mãe-bebê podem levar a problemas de desenvolvimento e ajustamento.

É importante mencionar que assim dizemos, mas levando em consideração apenas que na nossa cultura ocidental a mãe assume um lugar simbólico específico dentro da casa e nos cuidados dos filhos. A função materna como a conhecemos, é, antes, uma função socialmente construída. Se o pai, por exemplo, fosse responsável por esse cuidado na distribuição das tarefas da família, talvez aqui estivéssemos discutindo a qualidade do vínculo entre pai e o bebê como gerador de saúde psíquica.

Silva (2019) destaca o impacto do complexo materno, independentemente de ser uma influência positiva ou negativa, é inegável e de grande relevância para o desenvolvimento individual. Este complexo está entre os principais elementos que moldam a psique humana e a trajetória de vida de uma pessoa. A interação entre mãe e filho ou filha é um ponto de partida crucial que define não apenas o relacionamento da criança com sua mãe, mas também influencia diretamente seus relacionamentos posteriores, tanto consigo mesma quanto com o mundo ao seu redor. As experiências vivenciadas na infância, com a mãe desempenhando um papel central, contribuem para a formação de autoestima, habilidades sociais, e até mesmo a capacidade de lidar com adversidades e estabelecer vínculos saudáveis. Portanto, compreender a complexidade dessa dinâmica é essencial para compreender o desenvolvimento humano e o impacto duradouro que a relação mãe-filho tem na vida de uma pessoa.

Ao longo da história, a ideia de que as mulheres possuem "instintos maternos" ou o "amor materno" inato tem sido uma construção social e cultural. Essa narrativa foi moldada por normas e valores profundamente enraizados na sociedade, muitas vezes reforçados por representações na literatura, na religião e na mídia. No entanto, é importante reconhecer que o entendimento atual da maternidade evoluiu consideravelmente, desafiando essa concepção pré-determinada.

Nesta revisão é assumido que o amor materno não é uma característica inata, mas sim um processo complexo que se desenvolve ao longo do tempo. A relação entre a mãe e seu filho começa a ser construída desde a concepção (ou antes) e se fortalece ao longo da infância. Essa evolução é influenciada por diversos fatores, incluindo experiências pessoais, ambiente social, suporte emocional e saúde mental da mãe. Além disso, a pressão sobre as mulheres para se conformarem a essas expectativas tradicionais de maternidade têm sido questionadas, à medida que a sociedade reconhece a diversidade de experiências maternas e os diversos caminhos para criar e cuidar de uma criança. Em suas palavras Bandinter (1985) dissecou a ideia sobre o amor materno e a como esse conceito age:

“O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal.” (Bandinter, 1985, p. 19)

Porém o que aconteceria caso não esteja presente esse amor ou instinto na relação? E se for encontrado subjetivamente em uma mãe, a insatisfação em torno da maternidade? Quando o amor materno começa a ser visto sendo inato à mulher? Esta revisão propõe trazer reflexões diante a mudança de perspectiva reconhecendo a importância de apoiar as mães em sua jornada de cuidado e criação, independentemente das normas culturais preconcebidas sobre o amor materno, além de ajudar a refletir sobre outras possibilidades de responsabilidades e encargos nos cuidados das crianças na organização familiar.

Os casos midiáticos que envolvem mães e madrastas acusadas de maus-tratos a seus filhos, e, em situações extremas, de infanticídio, frequentemente reforçam estereótipos e simplificam a complexidade da maternidade. Essas figuras muitas vezes são retratadas como

desviantes e "loucas", perpetuando a ideia de que apenas a insanidade pode explicar tais comportamentos. No entanto, é essencial reconhecer que a maternidade é uma jornada repleta de ambivalência, desafios e nuances emocionais.

É importante destacar que a santificação da figura materna frequentemente obscurece a discussão sobre a realidade de experimentar sentimentos negativos e conflituosos durante a maternidade. As mães, como qualquer ser humano, podem enfrentar momentos de estresse, exaustão, frustração e desespero. A pressão da sociedade para se adequar a um ideal de maternidade perfeita pode contribuir para a negação dessas emoções e para o isolamento das mães que sofrem em silêncio.

Além dos casos midiáticos é notável a citação de mitos e lendas que rodeiam a humanidade a tempos antes previstos da construção da maternidade sagrada. Weldon (1988) cita Jocasta, Volumnia e Gertrude como exemplos da maternidade perversa presente na literatura. Essas personagens citadas foram mães que exploraram e abusaram do poder que tinham sobre seus filhos. Porém apenas se deu o entendimento da psique dos filhos, as mães presentes nas histórias entram em um plano mais distante de importância.

Em especial as autoras Melo e Pedro (2015) em seu estudo trazem o mito de Medeia, em comparação ao mito de Édipo, na psicanálise, para se exemplificar a constituição da personalidade humana. O mito de Medeia, no estudo supracitado, alude a repercussões psicológicas da representação da figura feminina como assassina e sádica, bem como suas implicações na prática clínica da psicanálise.

O mito de Medeia é um entrelaçamento de lendas da mitologia grega. O mito narra a trágica história de vingança e traição. Dando uma pequena sinopse do mito, Medeia, uma feiticeira, ajuda Jasão a obter o Velocino de Ouro, mas em sua jornada, ela comete atos perversos, incluindo o assassinato de seu próprio irmão e a morte de Pelias. Quando Jasão a abandona por outra mulher, Glauce (Creusa), Medeia e seus filhos são expulsos da cidade pelo rei, Creonte, que é pai de Glauce, mulher pela qual Jasão lhe abandonou. Medeia abatida com a reviravolta se ergue com forças nutridas por um ódio e vingança mata Glauce e Creonte, buscando vingança. Seu desejo por vingança cessa apenas ao matar os próprios filhos que teve com Jasão antes de fugir, deixando um rastro de tragédia e destruição em seu caminho.

A tristeza de Medeia se desenvolve ao ódio assassino por conta do encontro da ferida narcísica, conferida através da traição de Jasão. Através do seu rastro sanguíneo, em específico o assassinato de seus filhos, Medeia castra o seu traidor. Entende-se que os filhos já não possuem o lugar de "seus", consistiam apenas em objetos/partes de Jasão (Luz, 2013). Medeia

entende que seus filhos são a única forma de poder que lhe resta para atingir Jasão, sendo assim o planejamento e a consumação do assassinato dos filhos o maior meio para causar dor a Jasão (Welldon, 1988).

Para Xavier e Zanello (2016) ao ser criada a figura de boa mãe e serem reforçados o amor e instinto maternal, aquelas mulheres - que vão de contraponto a performance maternal de gênero - que não desejam a maternidade ou que não a exercem de maneira ideal, passam pelo processo de marginalização, são lidas socialmente de maneira inferior, sendo percebidas como loucas ou acometidas por algum transtorno ou aflição psíquica.

Segundo César et al. (2019), ao expressar o não desejo de ter filhos, essa mulher é olhada com estranheza, vista possivelmente como aquela que também abre mão de uma “essência feminina”. Zanello (2016) aponta que, com a consolidação do capitalismo, começam a ser percebidas as diferenças físicas de gênero como uma oportunidade para a construção e justificativas para as desigualdades sociais. As construções começam a ser baseadas em divisões, uma em especial é a divisão do espaço público e privado, muito específica desse momento da emergência do capitalismo. Diz-se isso porque em outros momentos da história, essa divisão por gênero sobre a vida na cidade e a vida doméstica também aconteceu, mas não estavam assentadas nos signos do capital. A divisão de espaços acarretou na naturalização de certas performances de gênero, pontuando assim a de mulheres na maternidade e no âmbito doméstico.

As performances de gênero têm sido uma construção social complexa que evoluiu ao longo da história, desempenhando um papel significativo na perpetuação dos papéis sociais de gênero. No contexto dessa discussão, é essencial focar na performance de gênero associada ao feminino, que muitas vezes está intrinsecamente ligada ao papel de cuidadora, particularmente no contexto da maternagem.

A maternidade tem sido historicamente associada ao conceito de feminilidade, e as expectativas culturais impõem às mulheres a responsabilidade de serem as principais cuidadoras de seus filhos. Essas normas de gênero reforçam a ideia de que as mulheres são naturalmente mais adequadas para o papel de cuidadoras e que a maternidade é uma extensão natural da identidade feminina. No entanto, é crucial entender que a maternidade é uma experiência complexa que varia amplamente de pessoa para pessoa e que não pode ser simplesmente reduzida a uma única performance de gênero. Segundo Zanello (2016), a expansão da narrativa idealizada da maternidade foi progressivamente construída sobre

fundamentos ideológicos que, inicialmente, eram predominantemente derivados de elementos religiosos.

Entendemos performances de gênero, como papéis ou maneiras de atuar conforme o prescrito culturalmente e socialmente de “homens” e “mulheres”. Sendo assim, gênero não é uma identidade fixa, mas sim uma construção social que é representada e repetida através de ações e comportamentos, ou seja, o gênero se dá através de uma série de atos performativos. Butler (1999) pontua a ideia de que gênero seja uma extensão do sexo, destacando que a construção de identidades de gênero (como "homem" e "mulher") é um processo cultural mais complexo e não pode ser reduzido exclusivamente à anatomia do corpo. Isso reflete a compreensão de que o gênero é socialmente construído e vai além das características físicas do corpo. Explorar a maternagem como uma performance de gênero revela a importância de questionar e desconstruir as normas sociais que limitam as mulheres a um único papel. Isso abre espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva da maternidade, reconhecendo que as experiências maternas são diversas e que as expectativas de gênero não devem definir o valor e a identidade das mulheres.

Os discursos de performance da maternidade ganharam força e se disseminaram por meio de uma roupagem científica, respaldados pelos campos da medicina e da psicologia. Para Xavier e Freitas (2022) a maternidade passa a ser cobrada de forma nefasta pela sociedade, sendo atribuída de forma indissociável a performance do feminino. A partir da proposta de realização de mulheres pela maternidade e a busca inalcançável pelo ideal dessa performance, a maternidade é transformada em uma questão identitária, de contraponto que a paternidade não é para homens (Zanello, 2016).

É possível encontrar ainda em nossa sociedade o ideal da mulher como aquela que performa a função de principal e única cuidadora dos filhos ou de outros, cabendo a ela a formação e o desenvolvimento biopsicossocial de seu filho (Xavier e Zanello, 2016).

Para Zanello (2016), foi através da colonização dos afetos, em séculos anteriores, que foi impulsionado o ideal do que seria a maternidade, começa a ser percebido uma culpa imputada a mulheres que optam por performar a maternidade. Ser mãe passou a ser, segundo César (2019) algo compulsório, presente em casos onde tanto mulheres que possuem quanto as que não possuem o desejo de engravidar, a presença de uma culpa imputada de assim não atender às funções maternas previstas ou da realização performática de ser mulher.

Para algumas mulheres a maternidade é experienciada através da tristeza, aflição e inadequação social. Possivelmente causando um fundo para comportamentos negligentes e

violentos direcionados a seus filhos (Zanello, 2016). A partir desses pressupostos, até mesmo atos de violência cometidos por mulheres concretas de forma individual pode ser cartografado e compreendido a partir da esfera macroscópica que é a política dos afetos e das performances culposas. Dizendo de outro modo: o social intensifica-se em uma dimensão particular relacional.

Do ponto de vista mais psicanalítico, mesmo se descrevendo atos e atitudes perversas de mãe em relação aos seus filhos, estudos de Lacan e Freud que sustentam ainda nos dias atuais a psicanálise, não seria possível a mulher perverter-se pois não pode ser totalmente submetida à castração, de forma breve não haveria estrutura perversa presente na mulher (Melo e Pedro 2015).

A mãe suficientemente boa

Como retratado acima, a psicologia e os profissionais corroboraram junto a outras práticas de saber com a disseminação do que seria uma mãe boa e do que seria uma mãe ruim. Iaconelli (2012) pontua que é evidente que os profissionais de saúde, em alguns casos, desautorizam as mães, interferindo de maneira inadequada e até mesmo prejudicial nas relações familiares. No entanto, o aspecto que parece muitas vezes negligenciado na afirmação é que o conhecimento de uma mãe não é inato, mas sim um produto da aprendizagem. Essa aprendizagem não se limita ao conhecimento formal transmitido por especialistas, como instruções sobre como segurar um bebê, mas resulta de experiências sociais ao longo de toda a vida de uma mulher.

Essas experiências começam com as concepções culturais preexistentes sobre maternidade, baseiam-se nas próprias experiências da mulher como bebê e nas interações com outros bebês e cuidadores ao longo da vida. Assim, a identidade materna é uma construção que surge da necessidade de se posicionar diante de diversos marcos identitários, conscientes ou não, e reflete a complexidade da maternidade como uma experiência cultural, social e pessoal.

É fundamental destacar que a mãe "suficientemente boa" não necessariamente precisa funcionar com uma plenitude absoluta de suas capacidades egóicas (Barbieri & Jacquemim & Alves). Embora Winnicott tenha demonstrado preocupação em seus escritos, enfatizando a necessidade de evitar a idealização da maternidade e a suposição de um recurso natural inato, é notável que a banalização de suas ideias seja problemática. O termo "mãe suficientemente boa" é frequentemente mencionado, mas as condições específicas que levam a esse conceito muitas vezes não recebem a mesma atenção. Essa simplificação pode resultar na compreensão

equivocada de suas teorias e, conseqüentemente, na falta de profundidade na análise das complexidades da relação mãe-filho e do desenvolvimento infantil (Iaconelli, 2012).

No entanto vale a pena mencionar que muitos leitores de Winnicott o defendem afirmando ser “a mãe suficientemente boa”, na verdade uma analogia a um “ambiente suficientemente bom” e não exatamente à mãe real. Acreditamos aqui que essa defesa não se sustenta porque o que garantiria uma mãe devotada e suficientemente boa estaria no fenômeno da “preocupação materna primária”, o qual se realizaria no final da gestação de uma mãe real, a mãe biológica. Se outra pode substituir essa função, não temos dúvida, mas essa função ser atribuído o nome de “mãe” gera conseqüências importantes na vida das mulheres. Se a intenção era sinalizar para o ambiente, porque ainda hoje a comunidade psicanalítica insiste em chamar de “mãe”, podendo muito bem utilizar o termo “ambiente”?

Perversão feminina e materna

A discussão sobre a perversão feminina ressurgiu no campo da psicanálise, mas é importante evitar a ideia simplista de que o interesse por essa questão é apenas resultado da "pós-modernidade". Sociologizar a perversão, ligando-a às mudanças históricas e às novas formas de subjetividade, não é suficiente para uma análise aprofundada, especialmente quando se trata da chamada perversão feminina (Campos, 2010).

A discussão sobre a sexualidade feminina já era existente nos primórdios da psicanálise. Segundo Wellton (1988) muitas psicanalistas do sexo feminino, contribuíram com novas e enriquecedoras perspectivas, expressando tanto concordância quanto discordância com as teorias freudianas. No entanto, é digno de nota que essas valiosas contribuições não foram devidamente reconhecidas como manifestações legítimas da identidade feminina, mas, em vez disso, foram interpretadas como dissensões no contexto da psicanálise. Barros & Mendonça (2013) pontuam que já uma descrença quase total dos profissionais sobre haver ou não uma estrutura perversa na mulher, indagam se essa descrença forte e inabalável não vem a ser um obstáculo grande para assim não a reconhecer.

Ao contrário da neurose ou psicose, a perversão não foi prontamente associada às mulheres na história da psicanálise (Apter, 2006). Campos (2010) pontua que apesar da crença predominante na inexistência da perversão nas mulheres, as teorias que sucederam a Freud tornaram essa afirmação mais flexível. Embora autores rejeitem a ideia de que as mulheres tenham uma estrutura fetichista com um "objeto-fetichista" claro, eles reconhecem prontamente a existência de uma inclinação perversa e fetichista nas mulheres.

Marques (2007) pontua que como seres humanos, todos nós compartilhamos uma experiência com diferentes níveis de exposição e envolvimento em estados mentais evocados por vivências que transitam no espectro dos atos perversos. Esses estados mentais podem ter um impacto profundamente desvitalizante em nossas vidas. O termo "desvitalizar" descreve um processo no qual buscamos substituir a possibilidade de existência, dentro do contexto humano, pela negação da própria existência, o que, por sua vez, se manifesta na forma de oposição aos vínculos com objetos animados e reais. Em outras palavras, esses estados mentais perversos muitas vezes nos conduzem a um distanciamento emocional das conexões humanas, minando nossa vitalidade e a capacidade de construir relacionamentos saudáveis e significativos.

Conforme Weldon (1988) é através da maternidade que algumas mulheres têm a oportunidade de vivenciar atitudes “perversas” em relação aos seus bebês. Os bebês então passam a ser extensões dos corpos maternos para poder assim as necessidades inconscientes pessoais da mãe possam ser atendidas. O fenômeno descrito é o resultado de fatores psicológicos, fisiológicos, biológicos, sociais, históricos e culturais combinados. Weldon (2008) destaca que para algumas mulheres onde a performance de mãe se encontra ditada e a pressão para haver a conversão para a maternidade, a perversão parece ser um caminho onde se assimilaria a posse de alguém, no caso dessas mulheres um infante que depende integralmente dela, onde há o controle psicológico e biológico do indivíduo. É notável a recriação de características aplicadas para relacionamentos perversos.

Ao falar sobre a manifestação da perversão na maternidade, Weldon (1988, p. 20) afirma:

“A capacidade que a mulher tem de procriar, ficar grávida e levar o bebê dentro do seu próprio corpo, tudo isso a dota com algumas características emocionais no seu relacionamento de objeto, as quais não somente são exageradas, mas também distorcidas nos casos de relacionamentos perversos, em que se acrescenta a necessidade de dominar totalmente a outra pessoa, de desumanizar o objeto, de se intrometer, invadir, ter o controle total da situação, de se fundir com o outro.”

Considerando a perspectiva de uma mulher possuir traços perversos, pode-se inferir que ela subjacente acredita ter o poder e controle, simbolizado pela posse do "falo" - um conceito simbólico de autoridade e domínio. É evidente que essa conjectura pode ser concebida quando se tem uma sociedade falocêntrica e patriarcal. E também quando os autores mapeiam essa dimensão simbólica sem localizá-la no contexto sociocultural, apenas a descrevendo sob o título de mulheres perversas, “posse ou não posse do falo”, assim reproduzindo a mesma lógica social, agora no campo teórico e das práticas psis.

Nessa linha de raciocínio, mesmo quando uma mãe recorre a ações ilícitas, frequentemente apoiando-se no parceiro, é possível supor que ela busca, por meio desse comportamento, negar a angústia da castração, do limite e da sensação de incompletude. Esse ato de desafiar as normas sociais e morais, muitas vezes impulsionado por uma ilusão de onipotência, pode ser uma tentativa de evitar o confronto com as realidades traumáticas da sexualidade, que frequentemente são experimentadas como algo perturbador e desafiador para a psique. E nesse sentido, em vez de ser algo próximo da psicopatologia, estaria mais no campo do espectro da saúde. Portanto, a busca de controle, através de ações transgressoras, é uma tentativa de lidar com o encontro com o real e traumático do desejo e da sexualidade (Barros & Mendonça 2013). Analogicamente, ao examinar o comportamento de uma mãe com traços perversos, podemos inferir que ela também busca uma sensação de poder e controle em sua dinâmica familiar. Ela pode acreditar que, ao exercer domínio sobre sua prole, simbolizado pelo papel de autoridade materna, ela alivia as ansiedades relacionadas à castração, à sensação de incompletude.

De acordo com Jung (2000 apud Silva, 2019), a presença ativa da mãe desempenha um papel central na origem de perturbações psicológicas, especialmente nas neuroses infantis. O autor destaca que em casos de superproteção materna, os filhos muitas vezes manifestam sonhos recorrentes nos quais a mãe é retratada como um animal feroz ou uma bruxa. Essas vivências oníricas podem resultar na fragmentação da psique infantil, abrindo portas para a ocorrência de neuroses.

Método

Em razão do conceito dessa pesquisa apresentar uma escassez de estudos e dada a relevância do mesmo nos últimos anos, o método de revisão de escopo mostrou-se o mais apropriado, uma vez que abarca a possível totalidade dos trabalhos científicos disponíveis.

Revisões de escopo têm o propósito de realizar o mapeamento de conceitos chave encontrados na literatura a fim de sustentar tal campo de pesquisa, como também aprofundar os tipos de pesquisas realizadas diante do conceito e/ou delimitações que existem na literatura sobre o conceito (Arksey & O'Malley 2005). A revisão de escopo dá a capacidade de reunir variados tipos de evidências e demonstrar como foram obtidas. A ênfase não está na classificação da robustez das evidências, mas sim em rastreá-las e/ou antecipar suas potencialidades, apoiando potenciais pesquisadores e profissionais do assunto (Cordeiro e Soares, 2019).

Esta revisão traz resultados sistematizados, que passaram pelas etapas propostas de acordo com Arksey e O'Malley (2005): 1) identificar a questão de pesquisa; 2) detectar estudos relevantes; 3) selecionar os estudos a serem analisados; 4) coleta de dados; 5) sintetização e relato dos resultados.

Para além dos resultados, foi também elaborada a pergunta norteadora da revisão e realizada a escolha de descritores para a busca de estudos relevantes de acordo com as etapas citadas acima. Através da organização das etapas nessa revisão, foi possível realizar a identificação, seleção, avaliação e sintetização dos estudos considerados relevantes e disponíveis. Subsequentemente, abrindo possibilidades para serem notadas dificuldades e lacunas sobre a manifestação da perversidade materna, assim pontuando a necessidade e norteando futuras pesquisas e investigações ao tema. É importante destacar que, devido ao uso exclusivo de dados secundários, não foi necessário submeter a pesquisa à revisão do Comitê de Ética.

Utilizou-se a estratégia PCC [acrônimo de Population, Concept and Context] para formulação da questão de revisão, em que P: mães que apresentam comportamentos perversos na relação mãe-filho, C: perversão feminina e C: maternidade. Como questão-problema temos “Como comportamentos perversos no vínculo mãe-criança é tida na literatura científica brasileira?”

A coleta de dados foi realizada na segunda quinzena de setembro de 2023 até a primeira quinzena de outubro de 2023. A busca em base de dados eletrônica teve como objetivo

evidenciar a definição de termos ou palavras-chave em torno da temática da revisão. Foram utilizadas a combinação dos seguintes descritores: “*perversão materna*”, “*loucura materna*” e “*mãe má*”. A utilização do termo “loucura materna” se deu ao decorrer da pesquisa, devido ao baixo número de estudos encontrados utilizando o termo “perversão materna”. Os descritores foram selecionados a rigor, para isso foi-se utilizada a plataforma DeCS/MeSH.

As bases de dados selecionadas para a busca foram: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da CAPES e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). A escolha das bases de dados foi devido ao quantitativo de indexação de artigos da área da saúde mental, psicologia e psicanálise.

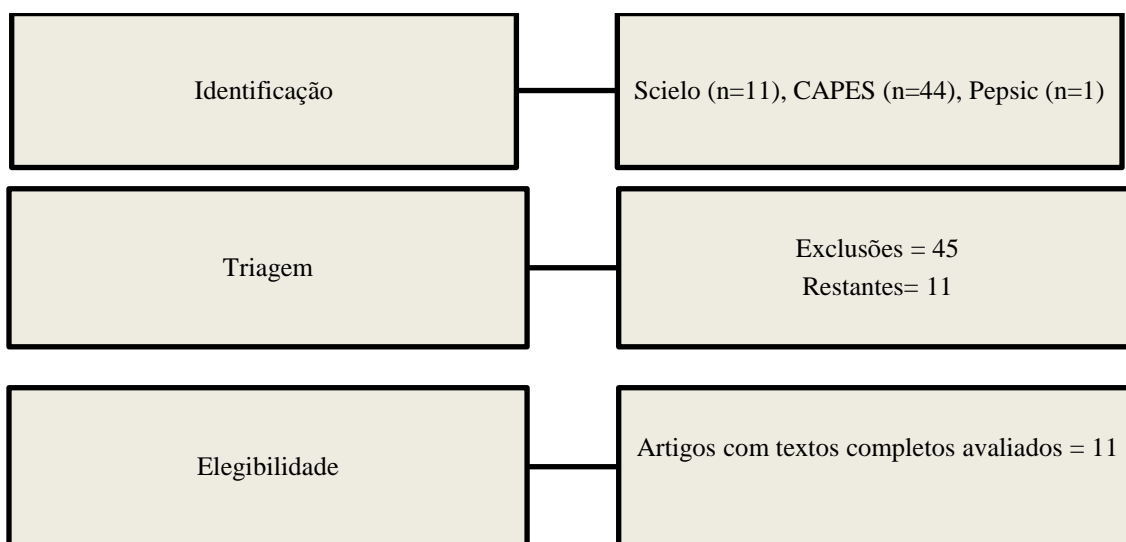
Foram revisados e incluídos nesta revisão artigos produzidos em diferentes datas, nos últimos dez anos, havendo assim um processo rigoroso de análise. Não foram obtidos resultados tão expressivos na busca de artigos distribuídos nas três bases de dados investigadas de acordo com a estratégia aqui adotada, como mostra o Quadro 1.

BASE DE DADOS	ENDEREÇO ELETRÔNICO	CARACTERÍSTICAS	ESTRATÉGIAS DE BUSCA	RESULTADOS
SciELO	http://www.scielo.org	Biblioteca eletrônica que integra periódicos científicos do Brasil e América Latina e Caribe. É uma base multidisciplinar que contém textos completos. Acesso gratuito.	" <i>mãe má</i> " OR " <i>perversão materna</i> " OR " <i>loucura materna</i> "	11
CAPES	https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?	Biblioteca eletrônica que integra periódicos científicos do Brasil. É uma base multidisciplinar que contém textos completos. Acesso gratuito.	" <i>mãe má</i> " OR " <i>perversão materna</i> " OR " <i>loucura materna</i> "	42

PEPSIC	http://pepsic.bvsalud.org/	Biblioteca eletrônica que integra periódicos científicos do Brasil. É uma base disciplinar da Psicologia que contém textos completos. Acesso gratuito.	"mãe má" OR "perversão materna" OR "loucura materna"	1
--------	---------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------	---

QUADRO 1. Estratégias de Busca Utilizadas por Base de Dados e Total de Artigos Encontrados. Manaus, AM, Brasil, 2023.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão para a seleção das produções científicas analisadas nesta revisão: (1) Artigos publicados nos idiomas: português, espanhol, inglês e francês; (2) Artigos publicados sem delimitação de tempo; (3) Artigos sobre loucura materna e perversão materna; (4) Artigos que contenham no conceito de estudo a perversão materna; (5) Artigos que exploram atos perversos e violências de mães direcionadas a filhos; (6) Artigos disponíveis em texto completo online. Artigos que foram detectados como repetidos entre as Bases de Dados e por vezes na própria base de dados foram desconsiderados e apenas foi se considerado a Base de origem do artigo. Conforme apresentado na Figura 1, o fluxograma demonstra que o material disponível para a análise a ser realizada na presente revisão totaliza o número de 6 artigos relacionados à reflexão proposta. Afim de garantir a confiabilidade e cientificidade do relatório desta revisão de escopo e também como principal meio de orientação a escrita da mesma foi adotado como base a “*Preferred reporting items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*”, extensão da Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist.



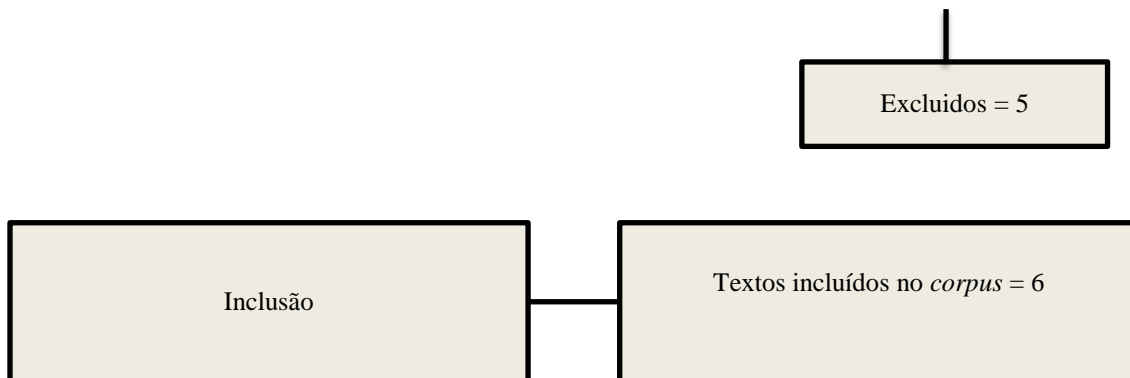


Figura 1 - Fluxograma de inclusão e exclusão de artigos nas bases de dados **Scielo, Periódicos CAPES e Pepsic**.

Na primeira fase da seleção dos materiais, foi-se examinado os títulos relacionados à temática em questão. Em seguida, analisou-se os resumos dos artigos para formar a amostra mencionada anteriormente. Após essa etapa, procedeu-se à leitura completa e individual dos seis artigos localizados, com o objetivo de destacar os aspectos discutidos a seguir. Para a seleção do material foram utilizados os critérios de inclusão anteriormente citados.

Os resultados desta revisão foram compilados e comunicados para proporcionar uma visão abrangente do material encontrado, seguindo uma estrutura temática que reflete os fatores que respondem à pergunta central da pesquisa. Os seis estudos escolhidos para inclusão nesta revisão foram catalogados com os seguintes detalhes: título, nome(s) do(s) autor(es), revista e ano de publicação e passagens que descrevem as principais descobertas de interesse para esta análise.

Resultados e Discussão

As publicações previamente selecionadas, na fase de identificação, passaram por uma leitura completa e análise detalhada. Foram incorporadas pesquisas que exploram a complexidade da conduta materna caracterizada como perversa, especificamente os comportamentos que podem ser qualificados como perversos quando direcionados aos filhos. A quantidade de artigos que emergiram como a amostra definitiva deste estudo serve como um exemplo representativo da produção acadêmica a respeito desses atos e condutas que se enquadram na categoria de comportamento materno perverso em relação às crianças. Este conjunto de artigos torna-se, portanto, um guia que facilita a compreensão do tópico e delinea possibilidades para investigações futuras.

Levando em consideração a produção de artigos voltados a temática é bastante escassa, uma vez que os principais impasses que se apresentam são a falta de clareza e consenso na definição e entendimento do conceito “perversão feminina” havendo assim um impacto na procura de artigos apenas através dos descritores “*mãe má*” e “*perversão materna*” foi adicionado aos o seguinte descritor: “*loucura materna*”. Optou-se também por estender o ano da publicação em dez anos, já que se pretendia alcançar o maior número de trabalhos sobre a temática em contextos e anos diferentes. Logo, foi localizada e avaliada a frequência da produção, observou-se que nos anos de 2017, houve mais artigos publicados (n=2), enquanto nos anos 2014, 2015, 2019 e 2023 estabeleceu-se a mesma quantidade de estudos em cada ano (n=1) referente ao assunto nas bases de dados selecionadas (Tabela 2).

Título	Autoria	Revista	Ano de Publicação
Filhas do desgosto. Efeitos da perversão feminina materna na constituição subjetiva de suas filhas	Suárez & Romero	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	2017
Perversão materna e distúrbios comportamentais infantis: o exemplo da Dylan, objeto do capricho de sua mãe	Martin-Lavaud	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	2014
O feminino radicalizado: do vínculo com a mãe ao ódio do vínculo	Squverer	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	2017
As ressonâncias da loucura materna nos processos de subjetivação de uma filha	Barbosa & Jucá & Torrenté	Psicologia USP	2023
Manejo de díades mãe-bebê traumatizadas: uma restrição ao pensamento e à prática	Feldman & Mouchenik & Moro	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	2015
Um ou dois monstros sexualmente perversos? Etnografia de um julgamento pelo Tribunal do Júri de São Paulo, Brasil	Schritzmeyer	Open Edition Journals	2019

Tabela 2. Dados bibliométricos dos artigos selecionados. Manaus, AM, Brasil, 2023.

Escassez de estudos

Através da leitura integral dos materiais coletados e selecionados é notável uma escassez de produções científicas dedicadas a temática e reflexões sobre a perversão materna. Porém, apesar da carência de um quantitativo, foi possível identificar que a partir do ano de 2014, houve um movimento contínuo de produção dos artigos nos anos subsequentes. Barbosa & Jucá & Torrenté (2023) apontam que através de uma examinação minuciosa de um caso pode contribuir para a dissolução de generalizações e conclusões simplistas que negligenciam as complexidades do contexto sociocultural e emocional das pessoas envolvidas na díade perversa. É possível que ambientes terapêuticos sejam não apenas locais de acolhimento, mas também como espaços de resistência capazes de promover transformações e novas perspectivas das pessoas imersas na díade. Para Suárez & Romero (2017) pacientes, em específico mulheres, que conviveram ou vivenciam a presença de mães perversas e seus comportamentos possuem em comum a exclusão de espaços de saúde, por assim não apresentarem sintomas em que estão dentro dos dispositivos de saúde disponíveis, como manuais. A essas pacientes que apresentam apenas a queixa do sofrimento sustentado por vínculos com as respectivas mães, lhes resta apenas o

desamparo de espaços de saúde. Das referências que abordam a díade, não há um aprofundamento ou uma direcionalidade na preocupação com essas mães ditas perversas (Feldman & Mouchenik & Moro, 2015).

Suárez & Romero (2017) destacam que em grande maioria possíveis vínculos maternos passam por uma “classificação” seguindo uma ordem lógica e discreta em demais estudos, ao mesmo tempo, demonstram uma inclinação em direção a previsões que parecem desfavoráveis. Atualmente a teoria do laço social, vem contribuindo mesmo que em um quantitativo baixo de produções diretas para uma compreensão das amarras de uma mãe perversa na constituição subjetiva do indivíduo neurótico.

É necessário pensar em cuidados mais adequados para as díades descritas como perversas. Mesmo havendo a necessidade de pensar em novos cuidados profissionais que buscam apoiar tais díades se encontram com uma escassez de estudos em como a díade funciona através da perspectiva da imersão da possível perversão feminina (Feldman & Mouchenik & Moro, 2015).

Objeto fetiche vs objeto capricho

Para Suarez & Romero (2017) é defendida uma alternativa a pensar sobre a perversão materna, sendo uma alternativa provável da perversão feminina, o fetichismo. O bebê passa a ser um objeto, brinquedo, bode expiatório da mãe. Porém, é algo a ser investigado a fundo visto que segundo Martin-Lavaud (2014) a mãe, enxerga seu filho, Dylan, como um objeto de capricho, e não um objeto fetichista. Visto que a criança não ilude a mãe sobre a falta de um objeto. Na verdade, a relação é preenchida pelo amor que se é direcionado ao próprio pai. Sendo assim, a criança está em um lugar de objeto em excesso. Na escola do filho, a mãe ocupava um papel sedutor, enchendo a criança de beijos e abraços antes de se separarem, toques considerados exibicionistas. Por vezes, era sedutora e outras tirana do filho. A perversão da mãe, de Dylan, seria uma forma de perversão infantil. Se apresentaria então numa versão quase fóbica em relação ao falo. O falo está ancorado na fantasia, não reprimido, ela atua, porém, sendo possível para essa mãe explorar caminhos da pulsão.

Ambivalência exacerbada do vínculo

Martin Lavud (2014) aponta em seu estudo uma relação ambígua de uma mãe supostamente perversa e seu filho. A relação consistia no excesso de carinho e junção a isso, uma relação imersa em repreensões e violências verbais. Uma cena marcante dessa relação cita a mãe furiosa com seu o filho ameaçando matá-lo e ela se suicidaria em troca.

Na díade explorada por Barbosa & Jucá & Torrenté (2023) é apontada essa ambiguidade na relação, não há propriamente um abandono completo da mãe ou tanto não há uma presença da mãe na relação. Há no discurso da filha em questão que a ausência da mãe se deu por conta da condição psíquica e social em que ela se encontrava. Para a filha a presença da mãe e a forma como ela ocupou o papel materno ocorreu da forma como ela pode ministrar a função de cuidadora. A filha desenvolveu um laço afetivo com a sua mãe, sendo referência para a sua história. A relação é constituída, assim, por afetos ambivalentes. Sendo difícil compreender as dificuldades desse outro materno.

As mães perversas das díades, não eram capazes de sustentar uma dúvida ou tampouco uma frase completa. Dessa relação é proveniente um desamparo, de uma falta completa do outro e a sustentação do outro (Suarez & Romero, 2017). Para Barbosa & Jucá & Torrenté (2023) o desamparo, para a filha em questão, surge na subjetividade da criança para assim compreender a ausência materna.

É importante ser pontuado também os contextos culturais e sociais em relação a presença e a ausência que essa mãe pode assumir. No estudo de Feldman & Mouchenik & Moro (2015) é explorado que culturalmente na Costa do Marfim, as crianças são livres e podem fazer o que desejam fazer até os dois anos de idade, sem repreensão. Podendo assim essa atitude ser lida como uma indiferença, a chamadas birras ou comportamentos agressivos que a criança direciona ao externo.

Ressonâncias do trauma da mãe na díade

Para Martin-Lavaud há um movimento de identificação entre mãe e filho, um machucado no corpo de um lado da díade gera um machucado no corpo do outro. Feldman & Mouchenik & Moro (2015) apontam que tanto a mãe quanto a filha, em noites, são atormentadas por pesadelos, gerando uma ansiedade significativa tanto à mãe quanto à filha. Possivelmente se tratando de uma simbiose psicológica entre mãe e bebê. Quando se trata de uma mãe traumatizada que realiza uma cisão da “parte morta”, esta se encontra incapaz de realizar uma “suspensão do trauma”. Pode assim transmitir essa “parte morta” para a criança. Os elementos

do trauma são brutos, não são nesse caso transformados pelo psiquismo e são assim incorporados, mais do que introjetados na criança. Para a filha, é impossível fazer uma identificação projetiva com a mãe, apenas o negativo e violência criada e vivenciada por sua mãe parecem ser o apoio para os processos de subjetivação dessa criança.

Barbosa & Jucá & Torrenté (2023) destacam que a vida da filha, e de suas irmãs e mãe, foi marcada por vulnerabilidades e a presença da violência doméstica incorporada na vida delas. O sofrimento não sendo apenas de ordem individual, mas sendo fruto de relações sociais estabelecidas. A transmissão transgeracional então é apresentada em forma de sofrimento psíquico. Assim sendo até quatro gerações sofrendo de algum tipo de transtorno. O sofrimento psíquico também pode ser uma marca e um elo de modos de subjetivação.

Segundo Feldman & Mouchenik & Moro (2015) “Resíduos radioativos” são repassados de mães a crianças, assim sendo feitos de geração a geração. São resíduos considerados não elaborados, podendo ser revelados por atos que parecem incompreensíveis. A mãe muitas vezes se torna um emissor involuntário destes “resíduos radioativos”. Significando assim, o bebê não ter de fato experienciado os acontecimentos, porém ao estar próximo da mãe em contato, torna-se assim um receptor involuntário dos resíduos. A filha ao ser espectadora da violência sofrida pela mãe também se torna receptora dessa violência por conta dos resíduos involuntários da mãe. Em um cenário envolvendo a tríade mãe-bebê-médico, a influência da "radioatividade" se estende a todos os envolvidos. O médico também é impactado pela história da mesma maneira que o bebê.

Ainda se tratando do estudo de Feldman & Mouchenik & Moro (2015) o bebê percebe a mãe como seu reflexo. Quando a mãe enfrenta traumas, o bebê se vê envolvido nesse processo, e eles se tornam transmissores e receptores de tensões não resolvidas, criando um efeito de "espelho". Essas interações no contexto dos cuidados primários, marcadas por essa violência não processada, podem potencialmente impactar as funções maternas, ou seja, a capacidade de fornecer cuidados adequados.

Barbosa & Jucá & Torrenté (2023) mencionam que ao ser notado o sofrimento psíquico da mãe, familiares deslegitimam o cuidado materno que a mãe registra aos filhos. Em situações em que a figura materna apresenta o sofrimento psíquico e se ausenta da função de cuidadora ideal, há uma tendência entre pessoas próximas de pensar na retirada dos filhos. Schritzmeyer (2023) destaca que quando uma mãe foi julgada e acusada como cúmplice ao assassinato e tortura de sua filha, a mãe foi desumanizada, despojada de sua humanidade. Os jurados do caso não a viram sendo apenas uma vítima também da manipulação do assassino e torturador de sua

filha. Também era uma mãe que após os quatro anos da morte da filha é possível encontrar um sofrimento de estresse pós-traumático. A acusação e julgamento se mostra motivada através da sacralização da maternidade.

Considerações Finais

Há uma crescente necessidade de expandir nossas reflexões em relação às formas de vínculo e cuidado que a clínica pode proporcionar, especialmente para pacientes que enfrentaram relacionamentos com mães que demonstraram comportamentos perversos. Além disso, é importante considerar formas de acolhimento para essas mães, uma abordagem que vai além da narrativa tradicional de um amor materno instintivo e inquestionável, frequentemente idealizado na sociedade.

No contexto clínico, a ênfase na compreensão das complexidades dos relacionamentos entre mães e filhos, particularmente quando esses relacionamentos envolvem dinâmicas difíceis, é fundamental. Isso permite que pacientes explorem suas próprias experiências e emoções de maneira mais aberta, sem o peso da culpa ou da idealização do amor materno. Além disso, considerar a possibilidade de cuidado e apoio para as mães que podem estar lutando com suas próprias questões e traumas pode ser um passo importante na interrupção de ciclos de comportamento prejudicial.

Ao longo de gerações, temos observado como os ideais maternos muitas vezes são distorcidos nas relações familiares. De acordo com a perspectiva de Welldon (1988), é fundamental compreender que antes de se tornarem mães, essas mulheres eram filhas. Nesse contexto, os estudos destacam que é fundamental reconhecer que, nas entrelinhas de suas vidas, muitas dessas mães podem carregar traumas não resolvidos de suas próprias experiências familiares. Esses traumas muitas vezes permanecem ocultos, mas têm um impacto profundo na capacidade dessas mães de oferecer cuidado e amor à maternidade. Portanto, é crucial que essas experiências traumáticas sejam devidamente abordadas e tratadas para que as mães possam se liberar do peso do passado e estar mais disponíveis para o cuidado e amor que desejam e merecem proporcionar a seus filhos.

A dinâmica da díade, ou seja, a relação entre mãe e filho, é intrinsecamente afetada pelas ressonâncias dos traumas que a mãe experienciou ao longo de sua vida. Esses traumas não ficam restritos ao passado, mas continuam a ecoar no presente. As experiências traumáticas da mãe, se não devidamente processadas, podem influenciar profundamente na relação.

Referências

APTER, E. Maternal Fetishism. *In*: NOBUS, D., DOWNING, L. **Perversion psychoanalytic perspectives/ perspectives on psychoanalysis**. Great Britain: Karnac Books, 2006. p.241-322.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. *In*: **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 1985.

BARBIERI, Valéria; JACQUEMIN, André; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Personalidade materna e resultados de crianças no psicodiagnóstico interventivo: o que significa 'mãe suficientemente boa'? **Psico**, v. 36, n. 2, p. 8, 2005.

BARROS, R. M. M. DE.; MENDONÇA, L. G. E S. F. DE. Mulher perversa? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 16, n. 2, p. 218–231, jun. 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CAMPOS, Denise Teles Freire. A perversão feminina e o laço social na atualidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, p. 287-311, 2010.

CÉSAR, Alexandra Clara Botareli; SILVA, Renata Cristina de Oliveira Alencar. Proteção à maternidade no contrato de temporário: tutela do direito à vida. **Revista Jurídica da UniFil**, [S.l.], v. 14, n. 14, p. 81-98, jun. 2019. ISSN 2674-7251. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/rev-juridica/article/view/1064>>. Acesso em: 30 out. 2023.

CORDEIRO, Luciana; SOARES, Cassia Baldini. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, v. 20, n. 2, p. 37-43, 2019.

DE MELO, Guaíra Moreira Camilo; SÃO PEDRO, Jullyanne Rocha. MEDEIAS MODERNAS: O Filicídio Sob a Ótica Psicanalítica.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.47.2013.tde-07052013-102844. Acesso em: 2023-10-22.

LUZ, A. M. O. MEDEIA: a feiticeira do ódio. **Sig: Revista de Psicanálise**. – Vol. 1, n. 2 (jan-jun. 2013) – Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2013.

MARQUES, Miguel. A perversão nossa de cada dia. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo , v. 41, n. 2, p. 149-167, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2007000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 set. 2023.

SILVA, Leilane de Sousa Borba da. Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard à luz da psicologia analítica: o complexo materno. 2019.

WELLDON, Estela V. O mito da maternidade glorificada. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 113-123, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2008000400014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 set. 2023.

WELLDON, E. V. (1988). *Mother, Madonna, Whore. The Idealization and Denigration of Motherhood*. Free Association Books. Guilford Press American.

XAVIER, Aline; ZANELLO, Valeska. Mães ofensoras: Loucas? Más? Desconstruindo o mito da maternidade. **Aborto e (não) desejo de maternidade (s). Brasília: CFP**, p. 123-142, 2016.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. **Aborto e (não) desejo de maternidade (s). Brasília: CFP**, p. 103-122, 2016.